

A década de 1960 e a consolidação do sistema literário da Serra Gaúcha: considerações sobre o contexto de criação de *Gaú-chê-rama-ura*, de Zulmiro Lermen

The 1960s and the Consolidation of the Literary System of Serra Gaúcha: Considerations on the Context of the Creation of *Gaú-chê-rama-ura*, by Zulmiro Lermen

Leticia Lima 

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

E-mail: lima.let1994@gmail.com

RESUMO: A década de 1960 foi marcada por um forte desenvolvimento cultural e intelectual na região da Serra Gaúcha e, de modo específico, na cidade de Caxias do Sul. Este artigo objetiva discutir em que medida alguns eventos ocorridos no ano de 1967 foram fundamentais para a consolidação do sistema literário serrano. Para tanto, partindo da revisão literária de textos que tratam do tema, realiza-se uma breve contextualização da paisagem literária da década de 1960, para, na sequência, destacarem-se os acontecimentos que marcaram o ano de 1967 na literatura da região. Com vistas a contribuir para os estudos da história da literatura gaúcha, notadamente a produzida na região nordeste do Estado, discute, finalmente, o poema épico *Gaú-chê-rama-ura*, de Zulmiro Lermen, cuja publicação insere-se no recorte temporal aqui adotado.

PALAVRAS-CHAVE: 1967; Serra Gaúcha; Sistema literário; *Gaú-chê-rama-ura*; Zulmiro Lermen.

ABSTRACT: The 1960s were marked by a strong cultural and intellectual development in the Serra Gaúcha region and, specifically, in the city of Caxias do Sul. This article aims to discuss to what extent some events that occurred in 1967 were fundamental for the consolidation of the literary system in the mountains. To this end, starting from the literary review of texts that deal with the theme, a brief contextualization of the literary landscape of the 1960s is carried out, in order to highlight the events that marked the year 1967 in the literature of the region. With a view to contributing to the studies of the history of Gaúcho literature, notably that produced in the northeast region of the state, it discusses, finally, the epic poem *Gaú-chê-rama-ura*, by Zulmiro Lermen, whose publication is part of the time frame adopted here.

KEYWORDS: 1967; Serra Gaúcha; Literary system; *Gaú-chê-rama-ura*; Zulmiro Lermen.

COMO CITAR

LIMA, Leticia. A década de 1960 e a consolidação do sistema literário da Serra Gaúcha: considerações sobre o contexto de criação de *Gaú-chê-rama-ura*, de Zulmiro Lermen. *Revista da Anpoll*, v. 55, e2003, 2024. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v55.2003>

1 Introdução

Nos anos derradeiros da década de 1960, quando o Brasil sentia os primeiros efeitos do Golpe Civil Militar instaurado em 1964, a produção cultural passava por um período de fertilidade, não apenas na literatura, mas também na música e no teatro. A literatura sul-rio-grandense há pouco tempo acompanhara o final da grande saga do Rio Grande do Sul ficcionalizada por Erico Verissimo em *O tempo e o vento*, projeto que se estendeu de 1949 a 1962. Seguindo o fluxo criativo do período, a região ostentava vasta produção literária, cujas temáticas, que já haviam assistido ao último ciclo importante do regionalismo nos anos 30-40, debruçavam-se, agora, sobre os problemas sociais e voltavam-se muito mais aos espaços urbanos (Zilberman, 1982). Além disso, o distanciamento temporal das revoluções permitia um olhar crítico sobre os acontecimentos, favorecendo a criação de romances históricos (Zilberman, 1982).

Todavia, a literatura gaúcha constitui fenômeno particular no âmbito da literatura brasileira. Devido ao conservadorismo apregoado pelo regionalismo laudatório, as principais tendências literárias que surgiam com maior vigor no país pouco se desenvolviam no Estado, ou o faziam tardiamente, daí porque, por exemplo, movimentos de transformações na literatura nacional quase não tinham adeptos na literatura sul-rio-grandense. Nos 50 e 60, quando a prosa brasileira passou por importantes alterações por meio das ficções de Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Osman Lins (Zilberman, 1982), no Rio Grande do Sul, “a renovação poética se fez pela rejeição dos parâmetros simbolistas” (Zilberman, 1982, p. 138).

Mesmo nesse cenário mais distante da literatura produzida em outras regiões do Brasil, é possível destacar certa intensidade na literatura gaúcha de diferentes gêneros na década de 1960. Seguindo esse fluxo de criações artísticas do período, na cidade de Caxias do Sul, foi fundada, em 1962, a Academia Caxiense de Letras e, anos mais tarde, um grupo formado por cinco jovens escritores – Oscar Bertholdo, José Clemente Pozenato, Jayme Paviani, Ary Nicodemos Trentin e Delmino Gritti –, denominado *Reunião*, publicava a antologia *Matrícula* (1967), constituindo um marco que seria apontado como elemento qualificador da literatura produzida na encosta nordeste do Estado, colaborando para o devido reconhecimento dos seus escritores e para a consolidação de um sistema literário na Serra Gaúcha.

Um olhar mais atento ao contexto literário da região, contudo, evidencia que, antes desse marco fundador, outros eventos já criavam caminho para a consolidação do sistema literário serrano. É isso que estas breves páginas tentarão demonstrar. A partir de revisão teórica de textos que discutem a história da literatura na região, este artigo objetiva pontuar os acontecimentos-chave que culminaram, em 1967, na consolidação do sistema literário da Serra Gaúcha, bem como discutir o contexto de criação do poema épico *Gaú-chê-rama-ura*, de Zulmiro Lermen, com vistas a contribuir para os estudos da história da literatura gaúcha.

Nesse sentido, esta pesquisa traz a possibilidade de pensar a escrita de uma história da literatura que volte seus holofotes ao referido autor e sua obra, deixados de fora das narrativas reconhecidas pela historiografia literária. Seguindo essa linha de pensamento, o resgate de autores e obras constitui-se como um aspecto importante no âmbito das pesquisas literárias, contribuindo para a reconfiguração da história da leitura e da literatura, justamente pela visibilidade que proporciona a essas produções.

2 A década de 1960 e o sistema literário serrano

O período entre os anos finais da década de 1950 e iniciais da década de 1960 em Caxias do Sul foi marcado por uma efervescência industrial e comercial. Essa movimentação, todavia, não se limitou somente a esses setores, também era percebida no desenvolvimento cultural e intelectual na cidade. À época, podem-se destacar dois acontecimentos que chamam a atenção para as artes literárias: a primeira edição da Feira do Livro de Caxias do Sul, que ocorreu em janeiro de 1959, e a fundação da Academia Caxiense de Letras, em 1º de junho de 1962.

De acordo com Aline Brustulin Cecchin (2014), ainda no limiar dos anos sessenta, surgiram o Concurso de Crônicas sobre a Festa da Uva, em 1960, e o Concurso de Redação do CTG Rincão da Lealdade, em 1962. Contudo, foi na última metade dessa década que os concursos literários ganharam maior vigor na região de Caxias do Sul. Em 1966, por exemplo, foi promovido o Concurso Literário da Semana do Exército. Em 1967, ocorreram as edições do Concurso Literário Estudantil, do Concurso de Redações Sobre o Dia dos Pais e do Concurso de Poesia sobre a Semana Farroupilha. E, em 1968, a promoção do Concurso de Crônicas sobre a “Feira da Ternura”.

O ano de 1967, contudo, foi o de maior relevância para a configuração da paisagem literária serrana. Além dos concursos já citados, é também desse ano a primeira edição do Concurso Anual de Contos, Crônicas e Poesias (Concurso Anual Literário), que, neste ano de 2024, chegou a sua 58ª edição. Conforme citação colhida no *site* da Prefeitura de Caxias do Sul (2019, não paginado), “o Concurso Anual Literário revela os talentos literários da cidade, ao mesmo tempo que [*sic*] reconhece e premia autores que já publicaram algum livro, evidenciando o desenvolvimento do meio literário caxiense. Os autores de textos inéditos são premiados com troféus, medalhas e publicação em antologia”. Essa descrição revela a existência de um interesse em incentivar a criação literária em Caxias do Sul e região, incentivo esse que pode ser reconhecido desde sua primeira edição.

Cecchin (2014) sublinha que os periódicos, além de anunciarem os concursos, também traziam notícias sobre o andamento, o número de inscritos, escritores participantes, as datas de divulgação dos vencedores e de entrega dos prêmios. Nos anos 1960, os jornais foram de suma importância enquanto meio de divulgação e circulação de textos literários, em especial o *Jornal Pioneiro*, que contava com publicações de crônicas, sonetos e poemas semanalmente, de que serve de exemplo o poeta Cyro de Lavra Pinto, que, à época, publicava poemas com bastante frequência no periódico. Apenas a título de exemplo, em trabalho¹ realizado no projeto de pesquisa “Uma história da leitura e da literatura na Serra Gaúcha (1897-1967)”², concluiu-se que, somente entre os anos de 1951 e 1960, o poeta publicou cerca de 330 poemas e sabe-se que não parou de publicar na década de 1960.

¹ Trabalho intitulado *Literatura e política: os poemas de Cyro de Lavra Pinto no Jornal Pioneiro*, apresentado e premiado como um dos cinco melhores trabalhos na área de Ciências Humanas no XXVI Encontro de Jovens Pesquisadores e VIII Mostra Acadêmica de Inovação e Tecnologia da Universidade de Caxias do Sul em 2018.

² O projeto era coordenado pelo Professor Doutor João Claudio Arendt e tinha como objetivo investigar questões teóricas e empíricas relativas ao sistema literário, bem como à produção, circulação, mediação e recepção de obras literárias em contextos regionais e suprarregionais, de modo a contribuir para as pesquisas sobre Leitura e Processos Culturais, e sobre Literatura, Cultura e Regionalidade, desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul.

Retornando à relevância do ano de 1967 para o contexto literário em Caxias do Sul, no dia 10 de fevereiro foi fundada a Universidade de Caxias do Sul. Consoante Cecchin (2014, p. 63), a Universidade em muito contribuiu para a consolidação do sistema literário regional:

Anterior ao seu surgimento, a então denominada Faculdade de Caxias do Sul já trazia relevantes contribuições para o sistema literário, através de ações como a criação do Centro de Estudos Linguísticos e Literários (1965), com o intuito de estimular os novos talentos, a criação da revista *O Tempo* (1965) e a organização de seminários, congressos e grupos de estudos para discussões teóricas. Ao tornar-se universidade, outros eventos importantes merecem ênfase, como a criação de um grupo de teatro com estudantes da universidade (1968), a criação do Núcleo de Arte (1967) e a chegada na cidade, através de verbas públicas, de bibliotecas especializadas, além de todo o desenvolvimento intelectual que uma universidade produz na comunidade regional.

No que diz respeito à imprensa de Caxias do Sul dos anos 1960, para além da contribuição para a divulgação de concursos e textos literários, a década também registra o surgimento de novos jornais. Em 1º de julho de 1966, foi criado o jornal *A Vanguarda*, que teve apenas quatro edições, encerrando suas atividades em 05 de maio do mesmo ano. Em 19 de maio de 1962, o jornal *Ecos do Mundo* deu início a suas publicações, que encerram em 25 de dezembro de 1964. Em 1965, o jornal *Assessôr*, que circulou de setembro daquele ano até agosto de 1970, com edições mensais, tendo somado, ao todo, cinquenta e nove edições. O *Aurora Jornal* também deu início a suas atividades no ano de 1965. Por fim, o jornal *Nosso Mundo*, que surgiu em junho de 1968 e publicou sua última edição em agosto do mesmo ano.

É ainda dos anos 1960, mais especificamente de 1967, o Clube Caxiense de Leitura, cujo objetivo era “organizar uma grande biblioteca para os estudantes universitários, promover discussões literárias, entre os interessados, além de planejar seminários e palestras” (Cecchin, 2014, p. 64).

Por fim, o feito de maior relevância para a constituição do sistema literário serrano teve lugar no ano de 1967, marcado pelo surgimento do *Grupo Reunião*, com a publicação da antologia *Matrícula*, que reúne textos dos poetas Oscar Bertholdo, José Clemente Pozenato, Jayme Paviani, Ary Nicodemos Trentin e Delmino Gritti. A publicação dessa antologia impactou de tal modo a produção poética do Rio Grande do Sul que se chega a afirmar que existe um cenário pré e pós-*Matrícula* (1967).

A obra, de acordo com Cecchin (2014, p. 9),

rompeu com a literatura saudosista, ufanista e etnocêntrica que existia na região da Serra e integrou-se à nova geração de poetas que, naquela época, surgia no Rio Grande do Sul. Segundo Arendt (2007, p. 31), a antologia poética do Grupo diferencia-se do panorama já existente por não possuir o sentimento de telurismo regionalista gauchesco ou serrano. A ausência de um programa literário seria o diferencial da obra, assim possibilitando a sua propagação entre leitores de diferentes espaços culturais.

Essa visão sobre o Grupo é também compartilhada por Donaldo Schüller (2012, p. 80), ao afirmar que “*Matrícula* desencadeou um dos mais vigorosos movimentos poéticos no Rio

Grande do Sul”. Para Cecil Albert Zinani e Salette Pezzi dos Santos (2007), o *Grupo Matrícula* (1967) foi significativo porque qualificou a literatura produzida na Região de Colonização Italiana e colaborou para o devido reconhecimento dos seus escritores. Ressalta-se que, para além da contribuição literária do Grupo, cujos autores continuaram publicando nas décadas seguintes, especialmente o escritor José Clemente Pozenato, que escreveu contos, romances e novelas, também produziram textos científicos e de crítica literária.

Embora o cenário literário serrano estivesse em fase de construção e já contasse com a contribuição de muitos outros autores antes do surgimento do *Reunião*, foi a partir da publicação da coletânea *Matrícula* (1967), com todas as inovações que essa trouxe, como a fuga dos parâmetros parnasianos e simbolistas, ainda presentes em algumas produções da época, que se pôde notar um crescente interesse por parte de críticos literários de fora do Estado do Rio Grande do Sul.

Um bom exemplo da existência de autores e obras na mesma época da publicação de *Matrícula*, além dos textos que eram divulgados em jornais caxienses, como se quis demonstrar linhas acima, é a publicação do poema *Gaú-chê-rama-ura*, de Zulmiro Lermen, no *Jornal Pioneiro*, entre abril de 1967 e dezembro de 1968. O poema, diferente do que apresentam os textos da antologia do *Grupo Reunião*, trata-se de um épico que narra a história do Rio Grande do Sul, remontando aos moldes clássicos e ao sentimento telúrico da tradição regionalista gauchesca, e a ele se dedicam as próximas linhas.

3 *Gaú-chê-rama-ura* e a contribuição de Lermen para a literatura serrana

Apesar de Lermen ter figurado como literato na cidade de Caxias do Sul entre os anos 1940 e 1990³, são poucos estudos sobre sua produção literária, o que justifica a abordagem aqui proposta. Zulmiro Lino Lermen nasceu em Caxias do Sul, em 12 de setembro de 1917, e faleceu na mesma cidade, em 09 de outubro de 1997. Foi professor por mais de trinta anos e, além de autor de diversos textos, foi um dos membros fundadores da Academia Caxiense de Letras e patrono da 8ª Feira do Livro de Caxias do Sul, em 1991.

Gaú-chê-rama-ura, sua obra de maior fôlego, é um poema épico, composto por 779 estrofes que narram a história do Rio Grande do Sul. O poeta inicia sua narrativa com a geomorfologia rio-grandense, passando pela descrição dos elementos paisagísticos característicos da região, abarcando o mito de origem do gaúcho “primeiro e lendário”, o surgimento dos Sete Povos das Missões, a Colônia do Sacramento, as guerras e revoluções, os tratados, as lendas, as imigrações, até alcançar o avanço das cidades e dos governos para, enfim, desembocar no que o autor denomina “visão universal”.

A classificação enquanto poema épico deve-se à notável tentativa de narrar a trajetória heroica da consolidação de uma região, seu povo, costumes e culturas. Por tratar, então, dos feitos extraordinários que constroem essa história, é evidente a necessidade do poeta de recorrer

³ O recorte temporal parte da década em que o autor publicou seu primeiro livro e vai até os anos 90, em que foi homenageado como Patrono da VIII Feira do Livro de Caxias do Sul, em 1991.

ao imaginário coletivo e à figura mitificada do gaúcho, presentes na literatura gaúcha desde suas primeiras manifestações.

Gaú-chê-rama-ura foi descoberto a partir de uma pesquisa no *Jornal Pioneiro*, um dos jornais investigados no Projeto LIBRO 3 – Uma história da Leitura e da Literatura na Serra Gaúcha (1897-1967). O texto circulou semanalmente no periódico entre os anos de 1967 e 1968, ao estilo dos folhetins⁴. Além disso, há um exemplar dessa versão na Biblioteca Pública Municipal Dr. Demétrio Niederauer, de Caxias do Sul, com as partes do jornal recortadas e coladas em páginas de um exemplar da obra *Seara Vermelha*, de Jorge Amado.

O público leitor do *Jornal Pioneiro* da década de 60, bem como o público leitor da biblioteca, não teve acesso ao texto na íntegra, tendo em vista que, das 779 estrofes que compõem o datiloscrito⁵ do poema, cerca de 180 (cento e oitenta) foram suprimidas das publicações, isto é, não foram divulgadas nas páginas dos jornais e, conseqüentemente, não se encontram no material disponível na Biblioteca Pública de Caxias do Sul. O romance *O grande sul* (1971), versão do texto em prosa, apesar de grande semelhança com o texto original, também não é exatamente igual, pois foram constatadas algumas alterações e remoções em relação ao texto manuscrito. Contudo, para os fins deste artigo, interessa o contexto de sua publicação no *Pioneiro*, (i) porque se insere no recorte temporal aqui adotado e (ii) porque dá mostra do importante papel que os jornais da região exerceram na circulação e divulgação de textos literários⁶.

Na época em que o poema foi escrito, Lermen já tinha outras obras publicadas⁷. O autor também mantinha recorrente participação em jornais da região, como o *Jornal Pioneiro*, em que circulavam textos de variados gêneros de sua autoria. Além disso, mais de vinte anos depois dessa publicação, o autor foi homenageado como Patrono da Feira do Livro de Caxias do Sul de 1991. Essas afirmativas demonstram que o autor e a sua obra eram conhecidos na região, todavia, sua produção passa, de certo modo, despercebida pela crítica literária, tanto a contemporânea de sua época como a da atualidade.

⁴ No sentido de serem publicados esparsamente, tendo em vista que não ocupavam apenas o espaço de uma nota de rodapé; apareciam nas páginas, lado a lado com outros textos, literários ou não.

⁵ Trata-se da versão original do poema *Gaú-chê-rama-ura*, datilografada, a que se teve acesso por meio do contato com as filhas do escritor, que disponibilizaram o material para fins de pesquisa. Foi a partir da leitura do texto na versão manuscrita que se descobriu a existência desses recortes nas estrofes, que já eram presumidos, tendo em vista que o texto publicado no jornal é acompanhado de notas que indicam a existência de uma omissão em determinados trechos. O documento original encontrava-se na biblioteca de Lermen, localizada na casa da família.

⁶ Os volumes digitalizados do jornal podem ser acessados no *site* do Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul: Disponível em: <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid/Pasta/SubPastas/15>. Acesso em: 08 out. 2024.

⁷ Dentre elas *A missa negra* (1948). De acordo com o próprio autor, seu romance de maior sucesso – trata-se de um romance esotérico que narra um caso de possessão demoníaca de uma jovem na região colonial serrana, motivo pelo qual foi alvo de censura religiosa no ano de sua publicação. Acusado de afrontar os princípios católicos, Lermen foi convocado pelo então Arcebispo de Porto Alegre e aconselhado a recolher os exemplares em circulação, que foram retirados das livrarias e queimados em praça pública em Caxias do Sul, conforme indica entrevista concedida pelo poeta a Liliana Alberti Henrichs e Juventino Dal Bó, em 24 de outubro de 1983.

Retomando o *corpus* desta análise, os 5.783 versos que compõem *Gaú-chê-rama-ura* distribuem-se entre quarenta e sete temas principais, elencados em uma espécie de sumário ou índice remissivo, o qual o autor denomina de “Guia histórico do conteúdo principal” e que apresenta a seguinte divisão de estrofes:

Geomorfologia rio-grandense	24-42
Bióforos	43-47
Minuano, tape, charrua	48-54
Gaúcho primeiro e lendário	55-69
Idealismo missioneiro	70-87
O introdutor do gado no Rio Grande	88-147
Os Sete Povos das Missões	148-160
A Colônia do Sacramento	161-164
Sepé-Tiarajú	165-176
Os guarani	177-185
Silva Pais e o Presídio Militar	186-200
O Tratado de Madrid	201-212
A fortaleza do Rio Pardo e os açorianos	229-236
A lenda da Serra do Caverá	238-249
Rio Grande de São Pedro	250-251
A conquista das Missões	252-273
A lenda de Ibagé	273-276
A lenda de Imembuí	277-285
Os imigrantes alemães	293-304 e 341-347
Poesia dos rios e lagos rio-grandenses	305-314
A Guerra dos Farrapos	315-393
Os ex-farrapos	394-400
Pioneiros imigrantes	401-402
A Guerra do Paraguai	412-427
Famílias patriarcais	430-441
Os grandes heróis do Rio Grande	444-446
A imigração italiana	451-455
Os bugres rio-grandenses	456-459
Os negros rio-grandenses e a Lei Áurea	464-466
Solidões e distâncias dos pampas	468-481
A Revolução Federalista	482-525
Esplendor do gauchismo sul-rio-grandense	436-622
Lendas-alma do rio Grande	545-620
A revolução de 23	629-677
Prestes e a revolta nas Missões	679-682
Borges de Medeiros e Getúlio Vargas	687-688
O crescimento das cidades e das favelas	690-696
A revolução de 30 e os interventores	697-704
A alma do gauchismo	705-706

A grande enchente	713-719
Interventores e governadores	720-722
Morte de Getúlio e de Borges	723-725
O governo de Brizola e de Goulart	727-732
A revolução de março	733-735
Origem, evolução e belezas do idioma pátrio	748-767
A era atômica, espacial e planetária	768-771
Visão universal	773-777

Quanto ao significado do título, recorrendo à versão datiloscrita do poema, o próprio autor responde:

Consideração sideral
 Ura é a poesia criadora vivendo espaço e tempo.
 Rama é a terra, a pátria, a querência.
 Chê é a pessoa, a gente, o amigo, o companheiro.
 Gahú é cantar sentidamente.
 Gaú-chê-rama-ura é o título-querência do poema, é a poesia da terra e da gente
 que canta sentidamente...
 para o mundo sideral, é foi e será:
 o grande sul...

A partir da leitura desse trecho, constata-se, primeiramente, que a explicação do poeta corrobora a ideia de que o texto pretende ser uma narrativa épica. Embora a utilização da expressão “*poesia da terra e da gente que canta sentidamente...*” possa dar a entender que se trate de poesia lírica, pela ideia de exprimir os sentimentos dessa gente de que se fala, o modo como os elementos da natureza são utilizados para compor o sentido do título remete a uma idealização heroica. Assim, a *ura* é a poesia que cria, é a narrativa que perpassa gerações em tempos e espaços distintos; a *rama* diz respeito à terra, à pátria que se quer enaltecer; *chê* é o homem, amigo e companheiro, representação de um ideal do homem gaúcho fiel, leal e honrado; *gahú* é a canção, é cantar com sentimento e é elemento que remete ao mito de origem do gaúcho; *Gaú-chê-rama-ura* é, então um canto sobre a gente e a terra do sul; trata-se da própria narrativa que o poeta há de construir. Ainda nesse sentido, a utilização de “*o grande sul*” no final dessas considerações reforça a ideia de idealização de uma terra e de um povo heroico.

Realizando-se uma breve comparação entre as três versões do texto, isto é, o publicado no *Jornal Pioneiro*, o datiloscrito e o romance *O grande sul* (1971), sublinha-se uma curiosidade no que tange aos títulos dessas versões. A versão publicada no *Jornal Pioneiro* é acompanhada de um subtítulo; nas entradas, se lê: *Gaú-chê-rama-ura: a poesia da terra e da gente que canta triste*. Na versão manuscrita, esse subtítulo não é encontrado, porém, acima do título *Gaú-chê-rama-ura*, encontra-se o título *O grande sul* e, na sequência, as considerações que confirmam essa ideia de uma poesia sobre a terra e sua gente. A versão em prosa, por sua vez, também é acompanhada por um subtítulo, que, novamente, retoma o tom idealizador. Na capa, lê-se: “*O grande sul... a voz dos pagos... a obra-bíblia gaúcha*” (Lermen, 1971).

Tomando como norte a análise de *Gaú-chê-rama-ura* com base em seus temas, aspectos estruturais, bem como os elementos que caracterizam o gênero épico clássico, pode-se verificar em que medida o poema dialoga com a literatura produzida na região à época de sua publicação – sobretudo a obra poética encontrada em *Matrícula* (1967). Conforme Goldstein (1985, p. 38),

durante muitos períodos, entre o século XV e o XX, a busca da simetria se fez presente em todas as artes, inclusive na poesia. É o caso do alexandrino em duas partes iguais de seis sílabas (hemistíquios) e do decassílabo em duas partes quase iguais, com E.R. 10(6-10). A partir de fins do século XIX, a simetria foi sendo abolida das artes. Em poesia, os simbolistas deram os primeiros passos que culminaram na liberação rítmica do Modernismo. Em lugar da simetria, surge a irregularidade, o contraste, a dissonância, o efeito imprevisível ou inesperado. Quando se voltou aos métodos tradicionalmente chamados regulares, sobretudo a partir de 45, estes se viram transfigurados em novos. É o caso de João Cabral de Melo Neto, de Murilo Mendes e de outros poetas contemporâneos. A liberdade rítmica criou uma nova música do verso, tornando o metro mais livre, o poema menos cantante que os tradicionais, o ritmo mais seco e contundente. Em outras palavras, um ritmo inesperado como o da vida do homem contemporâneo.

Não é essa renovação, característica da arte moderna, todavia, que se observa em *Gaú-chê-rama-ura*. Tendo em vista a tentativa do poeta de produzir um poema épico, é natural que recorresse aos moldes clássicos de rima e metrficação, talvez seguindo o fluxo do retorno às formas clássicas a partir dos anos 40, observado por Goldstein (1985) na citação acima, não obstante os autores da região, contemporâneos à criação de seu projeto, escrevessem em moldes diferentes. Entretanto, cabe pontuar que o texto de Lermen também apresenta traços modernos, de que são exemplos a diferença no número de versos de cada estrofe, a ausência de uma unidade métrica entre os versos, bem como a irregularidade no esquema de rimas, o que, de certa forma, o distancia do gênero épico clássico e o aproxima da escrita moderna, na medida em que, nesse contexto, há uma flexibilização das regras de metrficação do poema, de um modo geral, e, conseqüentemente, do poema épico, possibilitando que o poeta deixe de lado, quando necessário, a rigidez das normas clássicas.

Com essas pontuações não se está a afirmar que o poeta tivesse a intenção de imprimir traços característicos do Modernismo em um texto que se pretende épico, apenas que, sendo fruto dos tempos modernos, e inserido em um contexto espaço-temporal que privilegiava renovações literárias, ao exemplo do que se encontra na antologia *Matrícula*, publicada no mesmo ano em que o poema estreou no *Jornal Pioneiro*, seria muito difícil não apresentar qualquer aspecto que remetesse a seu contexto de criação.

Apesar de se distanciar do que era produzido à época por seus contemporâneos, Lermen não deixa de se filiar a uma tradição literária gaúcha, na medida em que cita textos de escritores sulinos. Dentre eles, principalmente, Simões Lopes Neto, especialmente na estrofe 576, em que aparece uma remissão ao conto “Trezentas onças”:

E fala um peão, bom narrador:
Tropeava nesse tempo... e duma feita...
perdi o dinheiro que era do patrão...

levei à testa o cano carregado...
olhei para diante e vi... Três-Marias...
o cusco estava me lambendo a mão...
o zaino relinchou lá na barranca...
e perto, retinia alegre um grilo...
pois era Deus que estava nas estrelas...
e o cachorrinho ia me lembrando
da minha gente e funda amizade...
e o meu cavalo ia me lembrando
trabalho meu e minha liberdade...
o grilo cantador trouxe esperança...
Êh-pucha! ah, patrício, sou mui rude
mas Deus existe, e era a luz de Deus, a luz de Deus,
a luz por todos os lados...
Meti a pistola no cinto, e, sossegado,
fechei o báio, bati o isqueiro amigo
e d'espacito comecei a pitar...

Erico Veríssimo, apesar de não ter seu nome diretamente citado, é trazido especialmente pelas remissões à trilogia *O tempo e o vento*. A primeira alusão surge logo no início do poema, mais especificamente, entre as estrofes 48 e 69, em que é narrado o mito de origem do gaúcho, nascido da união do elemento indígena – Imembuí – com o branco – Gaúchê. Em outras cenas, remete-se ao passar do tempo e do vento, como no último verso da estrofe 604: “a enxada de o tempo e do vento”. Mais acentuada é a repetição que se faz, ao longo da narrativa, da sina do gaúcho, que é a de lutar, que pode ser conferida no primeiro verso da estrofe 407: “Mas sina de gaúcho é lutar...”, no sexto e no sétimo versos da estrofe 629: “pois sina de gaúcho é de lutar/ assim como o vento e o mar”, e no primeiro verso da estrofe 679: “Mas sina de gaúcho é de lutar”, de onde se pode inferir uma alusão à sina das mulheres de fiar e esperar, em *O tempo e o vento*. Acentue-se, ainda, no primeiro verso da estrofe 194, o uso do substantivo “Continente”, grifado em inicial maiúscula, possivelmente fazendo referência ao primeiro volume da trilogia de Verissimo.

No que se refere ao tema adotado para a construção poética em *Gaú-chê-rama-ura*, para além da referência a Simões Lopes Neto e Erico Verissimo, como destacado acima, dialoga, também, com a obra de Cyro Martins, em sua *Trilogia do gaúcho a pé* e, ainda, a canções populares, como *Chimarrita* e *O Tatu*, inseridas nas pequenas digressões que constituem parte do épico. Assim, embora, de um modo geral, a poética de Lermen se distancie das produções contemporâneas encontradas no contexto de sua criação, e que culminaram na consolidação do sistema literário da Serra Gaúcha, sua obra dá mostra dessa efervescência literária observada no recorte espaço-temporal aqui discutido.

4 Conclusão

O fluxo criativo observado na década de 1960 na Serra Gaúcha é incontestável. O contexto brevemente analisado possibilita afirmar que a imprensa periódica exerceu papel de relevante influência no sistema literário serrano. Especialmente no que diz respeito ao período que

compõe o recorte temporal adotado nesta pesquisa, a saber, os anos finais da década de 1960, a atuação da mídia impressa pode ser observada em diferentes periódicos que circulavam na região à época.

Ao estudar a consolidação do sistema literário regional na Serra Gaúcha a partir do surgimento do *Grupo Matrícula*, em 1967, Cecchin (2014) chama atenção para a existência de uma ampla bibliografia voltada à relação em geral entre imprensa e literatura. Destaca, também, que a pesquisa em periódicos constitui uma fonte rica de informações para “investigar os meios de produção, circulação e recepção da literatura e suas relações com a imprensa” (Cecchin, 2014, p. 44).

Embora não seja possível utilizar uma métrica confiável para quantificar a influência da obra de Lermen, publicada no *Jornal Pioneiro* entre 1967 e 1968, não há dúvidas de que, no conjunto, o saldo é positivo, se não pela qualidade estética da obra, pelo espaço disponibilizado no periódico para a circulação deste e de outros textos de cunho literário. Isso porque os sistemas literários, ao se relacionarem uns com os outros, lançam mão de um conjunto de elementos de natureza sociocultural, tais como eventos, livrarias, meios de comunicação e instituições de fomento ao livro e à leitura, para estabelecer intercâmbios e influxos. É o que se observa ao olhar para o contexto do ano de 1967, que, com três eventos principais: a fundação da Universidade de Caxias do Sul, a primeira edição do Concurso Anual de Contos, Crônicas e Poesias (Concurso Anual Literário) e a publicação da antologia *Matrícula* pelo *Grupo Reunião*, consolidou o sistema literário da Serra Gaúcha.

REFERÊNCIAS

- CECCHIN, Aline Brustulin. *Poetas em “reunião”*: o Grupo Matrícula e a consolidação de um sistema literário regional na Serra Gaúcha. Orientador: João Claudio Arendt. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2014.
- GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. São Paulo: Ática, 1985.
- LERMEN, Zulmiro Lino. [Entrevista concedida a Liliana Alberti Henrichs e Juventino Dal Bó]. *Educação: história de vida*. Caxias do Sul, 24 de out. de 1983.
- LERMEN, Zulmiro Lino. *Gaú-chê-rama-ura*. Caxias do Sul: [s.n.], [196-?] [Datiloscrito].
- LERMEN, Zulmiro Lino. Gaú-chê-rama-ura: a poesia da terra e da gente que canta triste. *Jornal Pioneiro*, Caxias do Sul, 15 abr. 1967/12 dez. 1968. Disponível em: <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid/Pasta/SubPastas/26>. Acesso em: 12 out. 2024.
- LERMEN, Zulmiro Lino. *O grande sul*. Caxias do Sul: Paulinas, 1971.
- SCHÜLER, Donaldo. Ítalo-brasileiros na literatura gaúcha. In: BONIATTI, Ilva Maria Bertola. *José Clemente Pozenato: fortuna crítica*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2012. p. 78-80.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- ZINANI, Cecil Jenine Albert; BERTUSSI, Lisana Teresinha; SANTOS, Salette Rosa Pezzi dos (org.). *Dicionário bibliográfico dos escritores da Região de Colonização Italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: das origens a 2005*. Porto Alegre: EST, 2006.
- ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salette Rosa Pezzi dos. A poesia inaugural. In: CHAVES, Flávio Loureiro; RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza (org.). *Matrícula*. Caxias do Sul: EDUCS, 2007. p. 11-29.